

Entrevista com **Kátia Faria de Aguiar**, professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

1) A formação atual dos psicólogos contempla a questão da Educação? Se não, como isso poderia ser melhorado?

Eu colocaria a pergunta de outro modo: em que condições a educação se dá como questão na formação do psicólogo? Acho que esse deslocamento pode nos ajudar a trazer, para um primeiro plano, a idéia de que não existe a questão da educação para a psicologia. E talvez seja exatamente esse um dos problemas a ser enfrentado, o de uma certa naturalização das relações entre esses campos de saber ou, melhor seria, entre essas práticas - psicologia e educação. Um dos efeitos dessa naturalização na formação 'psi' é, num extremo, o de não considerar ou desqualificar os processos educativos (dentro e fora da escola) e, num outro extremo, o de se estabelecer como suporte explicativo daqueles processos. Duas atitudes que se apóiam numa suposta relação de exterioridade, demarcada pelas disciplinas, e que vai reaparecer de forma incômoda na atuação dos profissionais. Se entendemos que essas relações foram e continuam a ser historicamente construídas, e que estamos - psicólogos e professores - diretamente envolvidos nessa construção, cabe pensar sobre os efeitos e/ou desdobramentos do que estamos fazendo.

2) Há disciplinas específicas nas universidades sobre Psicologia Escolar? Como elas são ministradas? Como poderiam ser mais bem aproveitadas?

Sim, existem. Mas essas disciplinas que costumam ser identificadas como específicas aparecem de forma variada em cada curso de psicologia. Podem entrar em diferentes períodos, com nomes diferentes, não têm a mesma carga horária e também se sustentam em abordagens político-filosóficas diferentes. Além dessas disciplinas, existem outras que veiculam conhecimentos muito demandados nos processos educativos: como as teorias do desenvolvimento, da personalidade e da cognição. A meu ver, uma discussão central é a do próprio modo de organização da formação universitária: fragmentada e em etapas. Nesse caminho, me arrisco a afirmar que a maior parte dos cursos de psicologia tem insistido numa formação que não coloca em questão o fazer do psicólogo. Ministrando uma disciplina específica do 'campo escolar', pode ser uma oportunidade para colocar a trabalhar essa fragmentação, a concepção que se tem de educação e a relação hegemônica da psicologia com esse campo. É uma oportunidade de interferir diretamente na formação do psicólogo. São disciplinas que propõem, por diferentes caminhos e temas, pensar a educação. Como fazer isso sem considerar que o curso de psicologia está em relação de continuidade com a escola?

3) Que avanços vêm sendo feitos nessa área nos últimos anos?

Considerando o que falei anteriormente, para mim os avanços se fazem a cada experiência que aposta na criação de outras políticas, de outros modos de produzir a existência. Recorrer às teorias críticas para analisar as condições sócio-históricas, e afirmar a não neutralidade do profissional num sistema que prima pela exploração e pelo extermínio é importantíssimo, mas é pouco. Podemos fazer esse exercício e continuar a atender as queixas que nos são endereçadas sem considerar a participação dos profissionais e da própria psicologia na produção dessas demandas. Por um lado, fazemos a crítica ao sistema do capital e, por outro, alimentamos o mercado do

atendimento 'psi', em suas mais variadas modalidades, ou a necessidade da psicologia em todos os lugares.

Encontramos em diferentes lugares do Brasil propostas que apostam numa interferência mais radical quando, por exemplo: problematizam nas disciplinas as condições de emergência dos saberes psi; criam espaços de encontro que unem docentes de áreas diferentes da psicologia, num mesmo projeto de estágio; instalam fóruns de discussão sobre como se faz a gestão dos 'casos' encaminhados aos SPAs ou colocam em análise as demandas endereçadas aos psicólogos na escola.

4) Você acredita que o psicólogo sai da universidade preparado para lidar com a questão da Educação? Por quê?

Penso, como já falei anteriormente, que se existe algo a ser enfrentado na universidade é a própria formação do psicólogo – afinal, ela acontece num processo continuado de escolarização. Ter como questão os processos educativos ou a escolarização para pensar o que eles fizeram e estão fazendo de nós, já favorece a abertura para uma infinidade de outras questões. E essa atitude é, no mínimo, mais potente do que transformar o psicólogo num depósito de soluções de problemas. Não sei se é possível estar preparado, já que as especificidades dos campos de intervenção 'psi' são impregnados pela variabilidade da existência. Mas podíamos apostar numa formação que favorecesse mais o exercício de pensar e menos o de repetir e, para isso, temos que nos livrar da equivalência entre transmissão e conhecimento. Além disso, acho interessante considerar o desempenho dos órgãos representativos dos profissionais que atuam no campo da educação: conselhos, sindicatos e associações. Tivemos em 2008 uma experiência muito interessante disparada pelo CFP colocando em pauta o Ano da Educação. A realização de seminários regionais para discussão e análise coletiva de temas que atravessam a psicologia e a educação mobilizou professores, estudantes, psicólogos, pedagogos e outros profissionais, reafirmando o necessário e urgente exercício de publicização de nossas práticas.